

O NOVO SALÃO DE CAMPINAS

1. Já está definido e em andamento o projeto do 11º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, sob a responsabilidade de uma comissão inicialmente formada pelo desenhista e professor paulista Fábio Magalhães, o crítico e cineasta Olivio Tavares de Araújo e este colunista. Marcado para o período de 21 a 26 de novembro próximo, o evento se dividirá em dois setores básicos. O primeiro será de caráter teórico — um seminário sobre Política e Processos de Amostragem da Arte. Num momento em que tanto se discute entre nós os meios melhores de estabelecer uma ou várias pontes de maior comunicação da obra de arte com o público, o seminário tentará sistematizar as questões de primeira importância neste âmbito, interessado inclusive em sugerir uma política mais eficaz para as grandes mostras coletivas no país, que ainda se acumulam e se diluem sem pleno aproveitamento.

Durante cinco dias, 10 especialistas lerão e debaterão seus textos em Campinas, abordando tópicos como: a função do museu, o apoio do ensino, a intermediação da crítica, o circuito oficial, o artista e o mercado, a leitura da proposta de vanguarda, a recepção das linguagens internacionais, os sistemas de amostragem atual no exterior, o surgimento de novos centros de ativação no Brasil e a arte na rua. Cumprida esta parte, o seminário se concluirá, no dia seguinte, com um grande debate público, introduzido por um relatório dos trabalhos até ali efetuados; para o debate serão convidados outros 10 nomes de importância, em áreas diversas. Todo esse material (os textos elabo-

rados previamente e a transcrição dos debates) será transformado depois em livro.

O segundo setor do 11º Salão de Arte Contemporânea de Campinas será eminentemente prático, embora se ligue ao sentido de investigação de novos caminhos que serve de fundamento ao seminário. Constará ele de uma série de atividades concatenadas em torno de uma proposta

central de arte pública. A começar do varejão: uma espécie de canteiro de obras, utilizando o teatro de arena do Centro de Convivência Cultural de Campinas para a montagem de uma feira popular, durante um único fim de dia e início de noite. Nas escadarias, as frutas e os legumes — comparáveis ao varejo pelo preço de atacado — provocarão estímulos visuais e táteis imediatos, a eles se acrescentando o som de violeiros e repentistas dispostos na arena propriamente dita. A feira se concluirá com a lavagem geral do ambiente, de que participarão todos os que lá estiverem, garris ou não, ao som de uma orquestra sinfônica. Artistas convidados e gente que queira incluir-se espontaneamente na atividade serão solicitados a trabalhar com e sobre o evento, a partir dos mais diversos meios expressivos. No final do Salão, o material disto resultante deverá ser exposto ou projetado.

Outro núcleo da parte prática do novo Salão de Campinas se desenvolverá com o aproveitamento de uma grande parede branca de edifício na cidade. Sobre esse paredão, da janela em frente, será projetada diariamente, em horário determinado, uma sequência sempre variada de audiovisuais e filmes de 8 e

16mm, realizados por artistas brasileiros nesses últimos tempos. É possível que se utilize ainda, dentro da mesma idéia de ativar a arte na rua, a estação da estrada de ferro em Campinas e o trem que a liga a São Paulo.

Como se vê, tanto no que tange ao seminário quanto às atividades ao ar livre, o próximo Salão de Campinas quer propor saídas novas para a situação de ociosidade e impasse em que se encontra a amostragem da arte entre nós, visando a sua prática e consumo verdadeiramente amplos e proveitosos. Na verdade, a disposição de discutir o problema já caracteriza há alguns anos este evento. Promovido pela Prefeitura e o Museu de Arte Contemporânea de Campinas, sempre houve ali compreensão, inteligência e liberdade suficientes para aproveitar cada oportu-

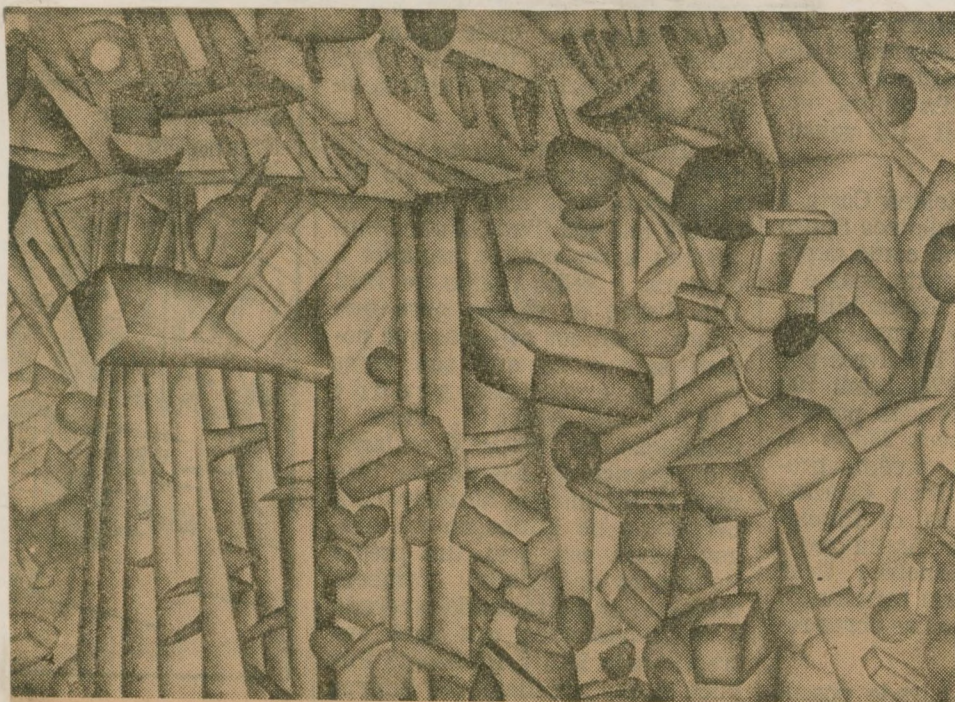
nidade de realização da mostra, desde 1971, no sentido de questionar o sistema das coletivas periódicas em todo o território nacional. Do acúmulo de idéias, e sugestões levantadas pelos participantes de suas sucessivas comissões, chegou-se em 1974, a um primeiro salão temático na série — e do desenho brasileiro, que circulou também pelo Rio e Brasília — e, no ano seguinte, à fórmula nova de amostragem que foi a Arte no Brasil / Documento-Debate, reunindo e estudando a obra de 12 artistas nossos. Assim, o vindouro XI Salão de Arte Contemporânea de Campinas, em novembro, representa um desenvolvimento natural das tentativas anteriores que ali se fizeram. Trata-se agora de confirmar os nomes indicados para encaminhar suas tentativas teóricas e práticas, no seminário e na rua.

2. Já que até aqui, hoje, abordei o Estado de São Paulo, continuo nele, voltando à Capital e me concentrando em duas de suas instituições museográficas mais importantes. No Museu de Arte Contemporânea da USP — onde se realizou, entre 29 e 30 de julho último, o 3.º Colóquio Nacional do Comitê Internacional de História da Arte — abriu-se no dia 11 passado uma mostra já vista no MAM do Rio: a das bandeiras, gravuras e cartazes de artistas norte-americanos comemorando o bicentenário da independência de seu país. Nos espaços A e B, de caráter experimental, do mesmo museu, estão expondo os paulistas Judith Lauand e Mauricio Fridman — a primeira, integrante do movimento de arte concreta na década de 50, e o segundo, dedicado a uma pesquisa de arte pública, sobretudo através de filmes e audiovisuais.

Já na Pinacoteca do Estado, sob a direção de Aracy Amaral, é ainda Mauricio Fridman quem desenvolve a proposta experimental do mês de agosto: **Concordas, Discordas**, utilizando um pequeno espaço interior e a fachada do prédio. Integrando-se nas comemorações do 20º aniversário da morte de Lasar Segall, a Pinacoteca escolheu sua tela **Bananal**, de 1927, como peça em destaque neste mês. E se iniciou ali, no dia, 3, um ciclo de oito palestras sobre as artes no Brasil no século 19, a cargo de Carlos Guilherme Motta, Mário Barata, Hélio Lopes e Carlos Lemos. Em termos de exposições fora de museus, uma bastante recomendável é a que reúne, na Galeria Bonfiglioli, trabalhos recentes dos pintores Antonio Henrique Amaral, Cláudio Tozi e Tomie Ohtake.



MAURÍCIO FRIDMAN E EQUIPE / detalhe do audiovisual A Praça



ANTONIO HENRIQUE AMARAL / pintura / 1977